

EDITORIAL

A génese dos Estudos Anglo-Portugueses – a Escrita de Viagens, em geral, e os viajantes britânicos em Portugal, em particular – marca, mais uma vez, a *REAP/JAPS*, cujo presente número é dedicado à memória da sua fundadora, a saudosa Professora Maria Leonor Machado de Sousa. Assim, na senda do trabalho pioneiro levado a cabo sob a sua coordenação, dois dos artigos que compõem o presente número dizem respeito a estudos de caso integráveis no âmbito da Escrita de Viagens. Numa investigação quase detectivesca, Rogério Miguel Puga, em “An Anglo-Portuguese Romantic Encounter during the Shelley-Byron Circle’s Intertextual Summer in Geneva: The Identity of the Mysterious Portuguese Lady”, desvenda e analisa a até agora desconhecida e misteriosa identidade de uma senhora portuguesa que, em viagem, fez parte do círculo sociocultural dos dois poetas da chamada segunda geração romântica inglesa, durante o Verão de 1816, passado em Genebra. Evocando muitos dos viajantes estudados, numa primeira instância, sob a orientação da Professora Maria Leonor – Costigan, Kinsey, Forrester, Kingston –, Didiana Fernandes reinterpreta-os à luz de uma paisagem comum, a da região do Douro, no artigo intitulado “O País Vinhateiro do Alto Douro: Olhares dos Viajantes Ingleses na Primeira Metade do Século XIX”. Ao cartografar o território, a autora explica como a sua reconfiguração dependeu dos interesses e das motivações dos diferentes viajantes estudados.

Para além dos viajantes britânicos em Portugal, a Professora Maria Leonor desenvolveu várias outras temáticas no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses, como a projecção de Inês de Castro em Inglaterra e a literatura negra ou de terror em Portugal, as quais são de algum modo revisitadas neste número. Assim, em “The Spectacle of Inês de Castro in Spanish Drama: Building on Maria Leonor Machado de Sousa’s Premise”, Aida Jordão, partindo da *magnum opus* *Inês de Castro, um Tema Português na Europa*, avança com a análise de um drama espanhol do século XVI, inspirado na figura “daquela que depois de morta foi rainha” e respectiva encenação, levada a cabo em 2019, demonstrando que o tema continua actual e a despertar o interesse do público. Por seu turno, Maria Antónia Lima, em “The Anglo-American Gothic Shadow in Contemporary Portuguese

Art and Literature”, explorando conceitos base susceptíveis de interpretações de cariz psicanalítico, como o de “sombra”, tal como postulado por Jung, analisa a influência do gótico anglo-americano na literatura e na arte portuguesas contemporâneas. Em “Lisboa, 1755: Paisagens Sonoras e Olfativas no *Thriller* Histórico *The Day of Atonement* (2014), de David Liss”, Maria Zulmira Castanheira estuda um *thriller* histórico, cujas origens remontam justamente ao romance gótico dos finais do século XVIII e princípios do XIX, cruzando-o com um acontecimento também alvo do interesse da Professora Maria Leonor, a representação do Terramoto de 1755 em textos ingleses.

A perspectiva comparatista, intrinsecamente associada aos Estudos Anglo-Portugueses, tem incidido sobretudo na abordagem da problemática imagológica, mas também na recepção e/ou influência de autores anglófonos em Portugal (ou vice-versa) com o objectivo último de se tentar perceber em que circunstâncias se levou a cabo uma determinada leitura de um texto “Outro”. Este enfoque encontra eco no presente volume nomeadamente no artigo de Ana Cláudia Salgueiro da Siva, “A Mulher em Jane Austen e Júlio Dinis: a Antecipação da Futura Emancipação Feminina”. Tal como o título indica, trata-se de uma análise comparada das personagens femininas dos romances de Jane Austen e de Júlio Dinis, considerando-se a hipótese da influência da escritora inglesa na obra do romancista português.

A análise de textos em contextos anglo-lusos tem sido sempre acompanhada pela história da centenária Aliança Luso-Britânica (que a Professora Maria Leonor fazia questão de recordar nas primeiras sessões dos seminários) e, portanto, esta encontra-se, de forma inevitável, subjacente à área em apreço. Antes da assinatura do Tratado de Windsor, em 1368, o qual formalizou oficialmente o início da Aliança, já outros acordos haviam sido estabelecidos, como, por exemplo o Tratado de Tagilde, assinado há 650 anos e evocado, a propósito, no texto “Testemunho” da autoria de Teresa Pinto Coelho.

Deve recordar-se que os ingleses já haviam prestado auxílio ao primeiro Rei de Portugal na conquista da Lisboa, em 1147, pelo que, numa atitude de reconhecimento, D. Afonso Henriques nomeou um inglês para o cargo de primeiro Bispo da cidade. Pode assim afirmar-se

que as relações de cariz religioso entre os dois países acompanharam as de teor político e de união na guerra. Em “William Gardiner, Inglês de Bristol: Heresia, Transgressão e Martírio na Capela Real do Paço da Ribeira em 1552”, Ana Isabel Buescu retoma justamente essas ligações religiosas através de uma figura inglesa polémica e protagonista de um episódio que marcou, pela negativa, uma aliança, que, à época já contava com 182 anos de existência. A Aliança viria ser reforçada, desta feita positivamente, pelo casamento anglo-luso de D. Catarina Bragança com Charles II, em 1642, tal como Maria da Conceição Castel-Branco explica em “Evocação dos 360 anos do Casamento Real Anglo-Português de D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra.”

A união na guerra contra um inimigo comum marcou frequentemente a história Aliança, tendo sido vários os conflitos travados ao longo dos tempos que contribuíram, com material particularmente relevante, para o estudo as relações anglo-portuguesas, sobretudo relatos de cariz memorialístico de militares britânicos e portugueses, bem como textos poéticos evocativos de tais acontecimentos. Assim, o texto de Jesse Pyles, “The Battle of the Lys: Understanding How and Why its History is Distorted”, centra-se na desconstrução de imagens preconceituosas e estereotipadas que os britânicos veicularam dos portugueses, vistos como um povo claramente inferior, aquando da participação do Corpo Expedicionário Português (CEP), integrado no exército aliado, na Primeira Guerra Mundial, mais especificamente na batalha de La Lys. Socorrendo-se de múltiplas fontes, o autor visa provar que a informação por ele recolhida contraria, em grande medida, os registos “oficiais” relativos à incapacidade militar dos portugueses, decorrentes da proverbial atitude de superioridade por parte dos britânicos, a qual, desde cedo, marcou a história das relações anglo-lusas. Curiosamente, na secção “Projectos” deste volume, Miguel Alarcão, sob o título “Tudo o que não escrevi”, sugere, generosamente, vários temas de trabalhos a desenvolver no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses, sendo um deles a análise das repercussões em Portugal do envolvimento britânico na Primeira Grande Guerra, o que viria decerto completar a perspectiva anterior.

No respeitante às Lutas Liberais sobressaem dois artigos diferentes, mas, em grande medida, complementares. Por um lado, a análise da visão pictórica de um oficial anglo-português sobre as guerras liberais (e carlistas) travadas na Península Ibérica surge no artigo “Carlos Van Zeller (1811-1837): um Militar-Artista Anglo-Português nas Guerras Liberais Ibéricas” de autoria conjunta de Rui Moura e José Norton, dedicado à vida e, sobretudo, à produção artística de Carlos Van Zeller. Por outro, a imagem poética de Portugal e Espanha, países libertados do jugo absolutista com a ajuda e o apoio da Grã-Bretanha (à semelhança do que se verificara aquando das Invasões Francesas) constitui objecto de estudo no artigo “Iberia y Lysia Libertadas’: Britain and Portrayals of the Liberal Triennium in Portuguese Poetry (1820-1823)” da autoria de Gabriela Gândara Terenas. Em ambos, os Estudos Anglo-Ibéricos entrecruzam-se, naturalmente, com os Anglo-Portugueses.

Este volume vem, de novo, comprovar a forma como os Estudos Anglo-Portugueses vão crescendo, abraçando e neles incluindo outras áreas, nomeadamente os Estudos de Tradução, desta feita representados pelo artigo de Rita Faria, “‘Would you shut up, man?’ The Translation of Forms of Address in the Portuguese Press”, um contributo com clara relevância também do ponto de vista sociológico.

No momento da escrita destas linhas ouvem-se as notícias do falecimento da Rainha Elizabeth II, que, antes de partir, agraciou a Professora Maria Leonor Machado de Sousa com o título de Member of the Most Excellent Order of the British Empire (MBE) pelo trabalho realizado no âmbito das relações luso-britânicas, de que a *REAP/JAPS* constitui um exemplo paradigmático. Espera-se que, onde quer que esteja, a Professora Maria Leonor fique feliz com o conjunto de estudos inseridos neste número da Revista por ela fundada, porventura o seu principal legado, pois dá-lhe continuidade, mantendo-a sempre entre nós.

8 de Setembro de 2022
Gabriela Gândara Terenas